

CONTEXTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS DOS PALOP: CONTRIBUIÇÕES PARA COMPREENSÃO DO CONTATO LINGÜÍSTICO EM ÁFRICA

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos linguísticos e, em especial, os sociolinguísticos, permitiram a revelação da heterogeneidade e da complexidade linguística existente no Brasil, com a presença de inúmeras variedades do português brasileiro e de centenas de outras línguas (como as indígenas, de imigrantes e de sinais) e as complexas redes de relações entre povos e culturas em território nacional. Trabalhos investigativos já demonstraram haver regiões e comunidades que experienciam situações de contato entre línguas ou cenários nos quais o português não é adquirido como primeira língua. Esses contextos ímpares, contudo, estão mais restritos às regiões fronteiriças com outros países e às comunidades de línguas minoritárias (como as de imigrantes, de surdos e de indígenas, por exemplo), cabendo à grande maioria da população brasileira o monolinguismo e a aquisição e convívio apenas com a língua portuguesa, que, além de oficial em todo o território, também se configura como língua nacional.

Esse predomínio da língua portuguesa no Brasil, como língua majoritária, reflete a efetividade e eficácia de políticas linguísticas de séculos anteriores, com o colonizador imprimindo fortemente seu domínio sobre os povos locais e buscando eliminar cultura e língua locais. Contudo não é essa a realidade experimentada por todas as ex-colônias portuguesas, que, por uma diversidade de fatores relacionados aos territórios e aos interesses portugueses, os quais não serão discutidos neste texto, evidenciam contextualizações sociolinguísticas bastante diferentes da observada no Brasil, com uma realidade de bilinguismo ou multilinguismo social.

As interações linguísticas e sociais de um número expressivo de falantes brasileiros, que têm o português como língua única de interação, seja em sua variedade culta ou popular, levam a uma falsa concepção de que a realidade dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) também é de monolinguismo e, ainda, apontam uma tendência à crença de que todas as ex-colônias de Portugal possuem a mesma configuração linguística. O contato com comunidades bilíngues e multilíngues, entretanto, revela uma realidade diferente da realidade de falantes monolíngues brasileiros e suscita outros debates, que ultrapassam a caracterização da língua portuguesa falada nesses contextos.

Merece investigação, além (e talvez antes) da variação no português dos PALOP, a configuração linguística daqueles países, com a revelação das características do contexto de contato e convívio entre línguas, permitindo, por exemplo, que se compreenda que, apesar de oficial, o português pode não ser a língua de maior emprego e a língua nacional em determinada comunidade.

As configurações ímpares, principalmente em África, nos PALOP, denotam diferentes formas de convívio entre línguas e distintas funções das variedades de língua portuguesa em cada um dos países, as quais se revelam entremeadas por diferentes culturas e redes de relações sócio-históricas, com contextos de contato linguístico ativos em grande parte do ou em todo o território. Uma realidade, em alguns casos, bastante divergente da brasileira, que suscita a necessidade também de uma abordagem diferente para estudo de fenômenos e características do português e de outras línguas desses países.

Com base nesses apontamentos iniciais, busca-se, neste debate, apresentar uma caracterização sociolinguística preliminar de falantes dos cinco PALOP (Angola, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Moçambique e Cabo Verde), com foco em alguns aspectos que envolvem o contato entre línguas, o papel das diferentes línguas nos territórios, o perfil sociolinguístico e a configuração de fatores sociais tidos como não clássicos, como, por exemplo, etnia.

Essas revelações proporcionam, de forma modesta, mais subsídios para a descrição das variedades de português africano e a possibilidade de estudos comparativos entre os PALOP e, por sua vez, desses com estudos de variedades brasileiras, europeias e asiáticas. Complementarmente, abre-se caminho para maior reconhecimento e preservação do rico “mosaico linguístico” africano, que, para muito além das línguas europeias transplantadas para lá (como o português), abriga suas centenas de línguas étnicas e as línguas originadas em situações de contato entre colonizadores e colonizados (ainda denominadas genericamente de “crioulas”).

Essa realidade suscita estudos que investiguem, antes das características das variedades de língua portuguesa empregadas pelas comunidades: i) a frequência de falantes bilíngues ou multilíngues; ii) a diferença entre língua oficial e língua nacional; iii) a língua de emprego mais frequente; iv) a(s) primeira(s) língua(s) adquirida(s) pelos falantes; v) a idade e contexto de aquisição do português; vi) a língua empregada no seio familiar; vii) a influência de diferentes variáveis sociais, como, por exemplo, a etnia etc.

Inicialmente, estabelece-se uma discussão, com base em estudos anteriores e no aparato teórico

da sociolinguística, sobre alguns aspectos da realidade complexa vivenciada nos PALOP, com foco nas situações de contato linguístico e de multilinguismo, com línguas exercendo diferentes funções. Com base em inquéritos submetidos a falantes dos PALOP, posteriormente, apresenta-se uma caracterização sociolinguística preliminar, com dados relacionados à etnia, primeira língua, língua dos pais, língua de emprego mais frequente e línguas em contato, entre outras características. Os resultados permitem um comparativo entre os perfis dos falantes desses países, o que proporciona mais subsídios para auxílio na elaboração de corpora de amostras de fala e para estudos sociolinguísticos das variedades africanas de língua portuguesa.

1 COMUNIDADES LINGUÍSTICAS À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA

A descrição e análise do contato entre diferentes línguas e da heterogeneidade linguística sempre foram objetos de pesquisa da Sociolinguística, que, já em sua gênese, concebe a língua em constante relação com a sociedade, sendo ambas mutuamente influenciadas. O olhar investigativo dos estudos sociolinguísticos se volta sempre para a coletividade e a diversidade de situações em que as línguas são empregadas e para a observação das relações e valores sociais estabelecidos nas interações verbais.

As comunidades não apresentam somente comportamentos heterogêneos de usos de uma mesma língua, mas também de emprego de línguas diferentes, principalmente em contextos de línguas em contato. Essa é uma realidade comum em territórios de forte diversidade étnica ou de grande fluxo migratório, como de algumas regiões do continente africano. O contato linguístico é prática recorrente na história das línguas humanas e resulta do estabelecimento das relações de diferentes naturezas entre os povos que possuem línguas diferentes.

Segundo Petter (2015), em território africano, as línguas em contato assumiram diferentes papéis em período pós-colonial, graças às políticas linguísticas dos governos, as quais tiveram consequência direta na seleção e hierarquização dos usos linguísticos, com línguas tidas como majoritárias sendo mais valorizadas, e com línguas minoritárias apresentando emprego mais restrito ao ambiente familiar, sendo desprestigiadas e até desaparecendo. A autora destaca que a seleção das línguas das antigas colônias como oficiais foi justificada pela ausência de relação com determinado povo ou etnia e permitiu a instauração da unidade nacional, além de proporcionar meio de comunicação entre diferentes comunidades no país. As línguas locais se vinculavam a uma

determinada região, a determinado grupo étnico ali predominante e, além disso, não dispunham de um sistema de escrita que poderia ser usado na administração e no ensino. Nessa configuração pós-colonial, surge a língua dominante, com “superioridade demográfica e socioeconômica”, e, embora não seja primeira língua dos falantes, constitui-se em língua franca, de emprego como segunda língua de grande percentual da população. Consequentemente, há um bilinguismo ou multilinguismo, com emprego concomitante de línguas étnicas, locais, e das línguas francas. A configuração desses “caldeirões linguísticos” irá depender do número de línguas étnicas, da presença dos chamados “crioulos”, da maior ou menor implementação da língua dos ex-colonizadores e da língua dominante na comunidade.